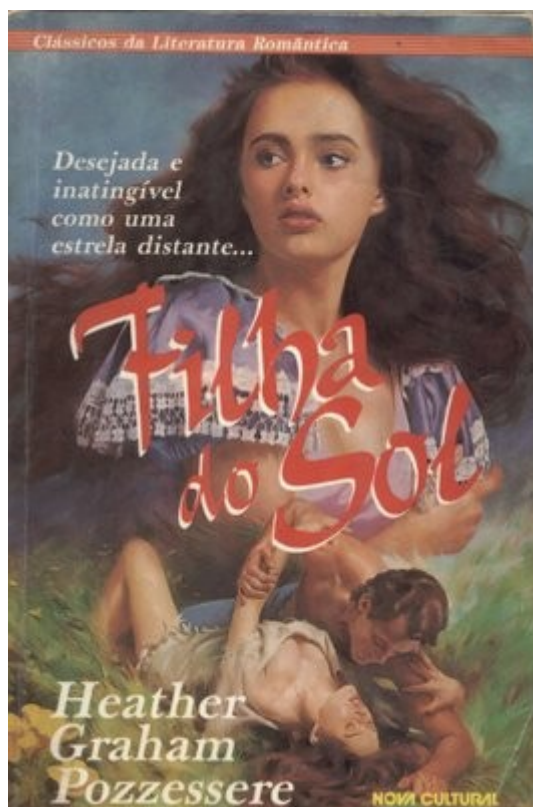


FILHA DO SOL

Apache Summer

Heather Graham Pozzessere



Seu nome agora é Filha do Sol. Precisa esquecer o passado e também o futuro com Jamie, planejado numa tarde quente de paixão.

Prisioneira de índios, Tess Stuart será obrigada a casar-se com o chefe de uma tribo Apache. Ele se encanta com a beleza de Tess e aceita o desafio de domar um espírito rebelde.

Mas a esposa de um líder precisa ser pura. Sua fúria não conhecerá limites se descobrir que ela pertenceu a outro homem... um branco como todos os que dizimaram sua família. Um tenente da Cavalaria Americana que moverá céus e terras para ter de volta a mulher amada!

Digitalização: Akeru

Revisão: Andréa Madeira

Projeto Revisoras

Heather Graham Pozzessere

Num cenário de guerra entre brancos e índios, a autora cria uma história de incomparável realismo e sensualidade.

Título original: Apache Summer

Copyright: Heather Grahma Pozzessere

Publicado originalmente em 1989

Pela Harlequin Books, Toronto, Canadá

Tradução: Vânia Fernandes do Canto

Copyright para a língua portuguesa: 1990

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 - 3º andar

CEP01452 - São Paulo - SP - Brasil

Essa obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.

Impressão e acabamento: Círculo do Livro S.A.

CAPÍTULO I

A oeste do Texas, 1870

Jamie Slater puxou as rédeas do garanhão ruço. Semicerrou os olhos cinzentos e penetrantes, mirando o Oeste para onde o sargento Monahan apontava. Além das dunas e das salvas, chamas vermelhas rompiam a harmonia do azul-celeste em meio a uma parede negra de fumaça.

— Índios... — balbuciou Monahan.

À direita do tenente, Jon Pena Vermelha se retesou. Jamie observou o amigo. Alto, forte, de olhos verdes e feições marcantes, o descendente da tribo dos pés-pretos há muito vivia afastado de suas origens. Graças à riqueza do avô inglês, havia recebido uma educação esmerada, chegando até mesmo a frequentar a Universidade de Oxford. Ainda assim, era um dos melhores rastreadores da região. E sua expressão confirmava: algo estava *muito* errado.

Os apaches odiavam o homem branco. Os comanches o detestavam; e não se ignorava a determinação da grande nação sioux em guerrear por toda a terra que lhes fora tomada por colonizadores inescrupulosos.

Por intermédio de Jon, Jamie viera a conhecer bem os comanches. Jamais fora logrado por um deles. Porém não cometia o desatino de considerá-los dóceis.

— Vamos ver o que é isso — suspirou. Endireitou o corpo sobre a sela e voltou-se para a linha de quarenta e dois homens sob seu comando: — Avante, sargento! E depressa!

Monahan repetiu a ordem aos brados. Jamie estalou as rédeas sobre o dorso do cavalo e o animal disparou com graça. Chamava-se Lúcifer. E o nome lhe caía bem. Era bravo e ágil como poucos.

Essa era uma das vantagens da Cavalaria americana, refletiu, enquanto cavalgavam em direção à duna que semiocultava o fogo: oferecia bons cavalos a seus homens. Não tinha contado com esse prazer junto aos Confederados, já que a Secessão abatera grande parte das montadas. Agora a guerra estava terminada havia quase cinco anos. E, por ironia, usava um uniforme azul... do mesmo tipo no qual passara anos atirando.

Ninguém, muito menos seus irmãos, tinha acreditado que ele, Jamie, duraria mais que um dia na Cavalaria. Não depois da Guerra Civil.

Mas havia gostado daquela vida passada na sela, ao longo das planícies, lidando com índios. Muito mais do que testemunhar o que se havia feito do Sul. Aquele era o Oeste do Texas, e as retaliações da guerra não eram as mesmas que no extremo Sul. Lá, por todos os cantos das cidades e vilarejos, podiam-se ver homens em farrapos; muitos aleijados mancando sobre muletas. Desamparados e abatidos, tinham sido obrigados a se render nos campos, depois forçados a situações que nem sequer podiam

entender: impostos exorbitantes, ianques no lugar dos xerifes...

A guerra fora horrenda. Mesmo depois de terminada.

Existiam bons ianques. Tinha consciência disso. Não culpava os bons pelo que acontecia. Culpava a ralé, os exploradores. Apreciava o próprio trabalho porque gostava, honestamente, de grande parte dos comanches e outros índios com os quais convivia. Estes pelo menos ainda guardavam algum senso de honra.

Mas já não podia dizer o mesmo, daqueles aventureiros nortistas.

Entretanto, nunca se deixara enganar. Os índios eram guerreiros selvagens; até inclementes em seus ataques.

Sentindo o vigor do animal sob ele, porém, e à medida que se aproximava do local em chamas, Jamie soube que seus dias na Cavalaria estavam perto do fim. Tinha necessidade de um tempo para superar os traumas da guerra. Talvez houvesse precisado continuar a lutar um pouco mais apenas para aprender a não lutar.

Contudo, havia sido fazendeiro antes da Secessão. E começava a sentir falta de um pedaço de terra. Terra boa, terra rica. Um lugar onde um homem pudesse criar seu gado, onde pudesse cavalgar em sua propriedade por acres e acres sem ver cerca alguma. Imaginava um sobrado, com uma cozinha de bom tamanho e uma sala bem ampla com lareira para afugentar o frio cortante do inverno. Sim, já era tempo de sossegar um pouco.

— Deus do céu! — engasgou o sargento Monahan, puxando as rédeas ao lado de Jamie no topo da duna e trazendo-o de volta à realidade. Dura realidade!

Jamie comprimiu os lábios e um músculo pulsou-lhe nas têmporas. Uma carnificina! Bem abaixo deles, carroças haviam sido posicionadas em círculo numa tentativa inútil de defesa. Aparentemente fora um ataque relâmpago. Havia cadáveres por todos os lados. Flechas salpicavam as carroças onde a lona ainda não ardia.

Comanches, concluiu Jamie. As coisas realmente não andavam bem. Monahan ouvira rumores sobre um ataque de brancos a um vilarejo índio. Provoações daquele gênero só podiam ocasionar unia tragédia. Ali devia estar a vingança.

— Inferno! — praguejou o sargento, inconformado.

— Vamos. — Jamie guiou o cavalo declive abaixo.

A planície era seca, com salvas crescendo por toda parte em meio aos cactos. Os indígenas se haviam lançado num ataque rápido e fulminante, depois desaparecido montanha acima, deixando um rastro de morte e sangue.

— Aproximem-se devagar! — instruiu os homens. — Lembrem-se de que um comanche semimorto ainda é um comanche!

Logo atrás dele, Pena Vermelha montava em silêncio. Os cavalos arquejavam ao alcançar o fim do declive, pisoteando a terra em busca de solidez. Então, com cautela, circundaram as cinco carroças da caravana.

Os pobres nem sequer haviam tido uma chance, Jamie constatou, tenso. Obviamente conduziam algumas cabeças de gado que agora jaziam de olhos vidrados, seu sangue misturando-se aos dos corpos humanos ao redor.

Não havia mais vida por ali. E nem um só índio; nem mesmo morto.

Desmontou diante do cadáver de um velho com uma flecha atravessada nas

costas. Tocou-lhe o ombro, virando-o. Engoliu em seco. O homem fora escalpelado e o trabalho tinha sido nojento. O sangue banhava lhe a testa e parte dos olhos, ainda viscoso e quente. Não havia acontecido há mais que meia hora. Se tivessem chegado trinta malditos minutos antes talvez pudessem ter impedido o massacre. Jamie suspirou, percebendo que os outros homens haviam desmontado. Sob o comando do sargento Monahan, também procuravam algum sinal de sobrevivência.

Pôs-se de pé, balançando a cabeça. Droga. Há pouco tivera contato com os comanches. Águas Claras, o chefe da tribo local, não era de guerra e há anos seu povo vinha convivendo pacificamente com os brancos. Gostava de Águas Claras. Sem dúvida um comanche podia ser perigoso quando provocado: porém não conseguia imaginar que fatalidade poderia ter desencadeado uma fúria daquelas.

Pena Vermelha abaixou-se ao lado dele, investigando o cadáver.

— Nenhum comanche fez isso — disse.

Jamie franziu o cenho.

— Então quem foi? Um bando de cheyennes? Talvez alguns da tribo dos utes? Estamos muito distantes do Sul para terem sido os sioux.

— Eu lhe garanto, tenente, nenhum sioux faria esse tipo de trabalho. E os comanches são bons guerreiros também. Sabem desde pequenos como fazer um escalpo.

— *Então quem foi!* — exigiu Jamie, impaciente, sentindo o sangue gelar diante da patente insinuação de Jon de que nenhum indígena era responsável pelo hediondo ataque. Não era possível, disse a si mesmo. Nenhum branco poderia ter matado e mutilado sua própria raça de modo tão selvagem.

— Ei, tenente! — Charlie Forbes chamou de súbito e Jamie virou-se. O soldado encontrava-se ao lado de um homem de costeletas grisalhas. — Parece que esse aqui resistiu à flechada e acabou com um tiro... bem no coração.

Jamie levou as mãos à cintura ao pressentir que Jon se erguia a suas costas.

— Não tente me dizer que os comanches não portam rifles.

— Eles os conseguem com os comancheros... que os comprem da *sua gente*.

Jamie já não prestava mais atenção. Num segundo passava por Jon, indo em direção à única carroça que lhe pareceu menos avariada. Ou estava imaginando coisas ou tinha ouvido algo. Devia estar delirando. O trabalho ali havia sido completo.

Ainda assim, caminhou a passadas largas, os ouvidos atentos. Estava enjoado, notou, como há muito não ficava. Havia praticamente crescido no meio de sangue. Antes dos vinte anos, uma de suas cunhadas tinha sido assassinada por pistoleiros do Kansas. Logo depois fora declarada a guerra e, embora houvesse lutado, num regimento decente sob o comando de John Hunt Morgan, jamais pudera escapar aos horrores das batalhas nas fronteiras.

Não tinha o direito de pensar que os índios eram mais perversos que os homens brancos. Nenhum direito.

Soltou o ar, lentamente. Ter consciência da viciosidade da própria raça fora um dos motivos que o levaram a usar aquele uniforme azul bem talhado e a espada de oficial de Cavalaria. Não costumava carregar o rifle, contudo.

Habituar-se a usar os Colt nos quatro anos do conflito civil, e os mantinha desde então.

Estreitou os olhos. Podia jurar ter visto algum movimento dentro da carroça. Olhou por cima dos ombros. Jon o seguia e fez sinal com a cabeça, confirmando-lhe as suspeitas. Em seguida circundou o carro, enquanto ele rumava direto para a abertura da traseira.

Olhou para dentro e a princípio só pôde ver sombras. Até que as coisas começaram a tomar forma. Havia dois beliches. Ironicamente, ambos estavam feitos, com os lençóis limpos, os cobertores, dobrados convidativamente.

Depois malas, baús e caixas. Tudo em perfeita ordem.

Nem tudo. Mais uma vez, pressentiu algum movimento. Não saberia dizer se ouviu. Tinha os sentidos aguçados. Não vivera em território índio e convivera com Pena Vermelha sem aprender a trabalhar os sentidos. Havia alguém ali! Podia sentir na pele, na nuca, na espinha. Havia alguém, e muito perto.

— Saia daí, vamos! — ordenou em voz baixa. — Pode sair. Não queremos machucar ninguém aqui, só queremos que saia.

Nada. Jon moveu-se para frente da carroça e os cavalos, ainda farejando fumaça, relincharam, batendo os cascos nervosamente.

Jamie subiu no carro, os olhos no beliche a sua esquerda, sobre o qual havia uma camisola. Era rendada, branca e sem mangas. Bonita demais para enfrentar a poeira das estradas. Podia combinar com a arrumação de camas, mas não com o resto ao redor! Onde estava sua dona? Estaria viva? Seria namorada de algum dos rapazes mortos? Não tinha visto nenhum cadáver de mulher. Não ainda.

— Tem alguém aqui? — repetiu, movimentando-se além dos baús. Deteve-se, notando um bule de café caído a um canto, o líquido esparramado pelo chão. — Pode sair, está tudo bem agora!

Continuou procurando. A escuridão dentro da carroça era total, tornando difícil a visão. De súbito, porém, distinguiu uma saia rodada de tafetá cor de malva. Abaixou-se devagar, temendo *ter* achado outro cadáver.

Tocou o corpo de leve e sentiu-lhe o calor. Moveu a mão instintivamente e seus dedos encontraram as formas arredondadas do seio de uma mulher. Ela estava quente, mas quieta demais.

"Deus meu, faça com que esteja viva", pediu, perturbado pelo inesperado contato.

Ela estava viva. Viva até demais. Pulou de repente, com um grito de horror. Sobressaltado, Jamie recuou. Estivera preparando-se para encontrar um comanche. Mas ao tocar as formas suaves e femininas tinha baixado as guardas.

Ela tornou a gritar feito um animal ferido, e ele buscou o Colt, num gesto automático. Deixou cair as mãos, então, atordoado. Era só uma mulher. Uma mulher pequena e delicada.

— Moça...

Inesperadamente ela se atirou sobre ele com fúria, atingindo-o com uma força descomunal.

— Ei! — protestou o tenente, mas ela o ignorou. Chutou-o nas pernas,

esmurrando-o nos ombros na tentativa de desequilibrá-lo. Jamie ergueu os braços para se defender, mas no momento seguinte desabava no chão da carroça. — Pare com isso, droga! — gritou, consciente do corpo frágil sobre o seu, da cascata de cabelos castanho-avermelhados, dos seios redondos agora tão próximos a seu rosto... Ainda, podia senti-los nos dedos. Ela era perfeita. Mas perigosa. Socou-o no peito, atingindo-o com a ira de dez comanches. Depois no queixo, fazendo tremer-lhe os dentes.

Para que ser gentil?, concluiu o tenente. Aquela mulher era um monstro! Nenhum mortal sobreviveria a ela usando de gentilezas!

Comprimindo os lábios, agarrou-a-pelos pulsos, tentando não machucá-la demais. Em vão. Com um grito, ela se libertou e no instante seguinte uma sombra de satisfação iluminou-lhe as feições, Seus dedos fecharam-se ao redor de algo que ela ergueu no ar, ameaçadora.

— Ei! Ei! — exclamou Jamie, os olhos se arregalando diante do brilho letal de uma faca. — Está maluc...?!

Ela desferiu o golpe com ímpeto e a lâmina parou a poucos centímetros da garganta dele. Num movimento ágil, Jamie girou o corpo, desequilibrando-a, para então dominá-la com dificuldade, a respiração saindo em espasmos.

— Sou da Cavalaria, droga!!!

Ela não pareceu ouvir, nem mesmo enxergar nada. O punhal traçou nova e perigosa investida, mas desta vez ele conseguiu atingi-la no braço, atirando-o para longe. Mas as unhas afiadas buscaram-lhe os olhos e Jamie praguejou, obrigando-se a empurrá-la e prendê-la contra o chão com o próprio corpo.

Ainda lutando para mantê-la imóvel, ergueu a cabeça e deparou-se com Pena Vermelha sentado no banco da frente da carroça.

— Podia ter me ajudado, inferno! — vociferou.

Jon limitou-se a sorrir.

— Contra uma garotinha indefesa? Francamente!

Garotinha? Uma vez sobre ela, Jamie pôde fazer seu julgamento. Observou o arfar dos seios fartos e provocantes. Ela podia ser pequena e delicada, mas aquelas curvas não eram as de uma menina.

Como uma gata selvagem, ela continuou a se debater sob ele, permitindo a Jamie tomar total consciência de suas formas. E o contato foi de tal modo perturbador, que ele acabou por relaxar a guarda. Mais um pouco e ambos aterrissavam na terra seca do lado de fora da carroça. Membros entrelaçados em meio a metros de tecidos e rendas, os dois eram o único ponto de movimento na paisagem árida. Quando ela tentou mordê-lo no ombro, Jamie empurrou-a para trás com um tranco.

— Já chega!! — gritou, a mão erguendo-se ameaçadoramente, porém estancando no ar diante da expressão de terror no rosto incrivelmente bonito. Com um suspiro, prendeu os braços dela sobre a cabeleira vermelhada, sem delicadeza.

Sua raiva cedeu, contudo, quando viu os olhos azuis encherem-se de lágrimas. Ela havia estado histérica, percebeu. Daí aquele impulso quase assassino. Sentiu os tremores que sacudiam o corpo delicado, mas não ousou libertá-la.

— Somos da Cavalaria! — repetiu. — Ouça-me! Ninguém vai machucá-la. Os índios

já se foram! Somos da Cavalaria, entendeu? Só queremos ajudar. Fala inglês, não fala?

— Claro que sim, seu bastardo! — ela gritou de volta, para espanto dele.—

Assassino, maldito!

— Assassino, eu?! Só estou tentando ajudar!

— É mentira!

Pasmado, Jamie emudeceu. Fitou os olhos enormes e marejados, os cabelos longos espalhados na terra feito raios de sol no crepúsculo. Por um instante, quase se esqueceu por que a mantinha cativa.

Ela não confiava nele. Tinha vindo para salvá-la de um ataque indígena e ela não acreditava nele!

— Escute aqui moça, já disse que não vou lhe fazer mal. Estes homens... todos nós somos da Cavalaria americana.

— Esse uniforme não quer dizer nada!

— Está maluca, mulher?! — Era isso. Ela havia enlouquecido. Presenciara a carnificina e ainda devia estar em choque. — Está tudo bem agora! Melhor ainda se parar de me bater. Os índios já foram emb...

— Não havia índios!

— Como não?!

— Estavam disfarçados de índios, mas não eram índios! — Ela balançava a cabeça, convulsivamente. — *A lei aqui é corrupta, por que não a Cavalaria?*

— Moça, não sei do que está falando. Sou o tenente Slater do Forte Vickers e chegamos até aqui por mero acaso.

Ela piscou e uma sombra de dúvida passou pelos olhos amendoados. O regimento aproximava-se pouco a pouco, movido pela curiosidade, e ela olhou ao redor, confusa. Todos a fitavam em silêncio. Quanto tornou a se concentrar em Jamie, um ligeiro rubor tingiu lhe as faces, como se só então se houvesse dado conta da posição constrangedora em que se encontrava: com as pernas e quadris semidesnudos sob os dele. Também não usava espartilho; e o tenente pareceu bem se aperceber disso... Umedeceu os lábios, nervosa. O gesto, porém, só fez piorar sua situação. Os olhos cinzentos se estreitavam com indisfarçável desejo, e ela se contorceu sob ele, mortificada.

Mas o tenente não cedeu um só milímetro. Afinal, havia tentado ser o mais gentil possível e agora sangrava como se atacado pelo mais selvagem dos felinos. Um fio de sangue escorria lhe pelo queixo e ela engoliu em seco.

— Tenente, pode me...

— Qual é o seu nome?

— Se me soltar, eu...

— *Qual é o seu nome?*

Ela comprimiu os lábios.

— Tess — respondeu, por fim.

— Tess o que?

— Tess Stuart.

— Para onde estava indo e de onde vinha?

— Wiltshire. Vínhamos de Demedin, uma cidade quase fantasma, trazendo gado e uma prensa. Não precisam mais dela lá.

— Disse "vínhamos". Com quem estava?

— Com meu... — Ela hesitou por um momento, piscando, confusa. — Meu... tio e eu — disse com voz embargada. — Estávamos indo para casa. Para Wiltshire.

O tenente ergueu o corpo de leve e ela soltou o ar, sentindo as pernas musculosas pressionando-lhe os quadris. Depois ergueu o queixo determinada a ignorá-lo, e também à dor e a revolta que a consumiam.

Era de uma coragem inestimável, concluiu Jamie. Não importava o quanto estivesse abatida. Jamais se rendia. E tal determinação se lia naqueles olhos de um azul difícil de se descrever. Difícil de se crer. Ou era uma tola, ou a mulher mais extraordinária que ele já havia conhecido. Apesar dos cabelos de seda, dos olhos grandes e amendoados como os de uma criança, dos contornos delicados, ela parecia feita de aço.

E tal qualidade, mesmo que numa mulher aparentemente frágil, podia ser fatal ali, no Oeste. Jamie bem o sabia e por isso a mantinha imobilizada. Ela precisava aprender a não ultrapassar seus limites.

— Foi muita sorte sua não ter sido vista pelos índios — murmurou, sucinto.

— Eu já disse que não foram índios! — rebateu ela entre os dentes.

— *Então quem?*

— Os homens de Von Heusen, droga!

— E quem, diabos, é esse Von Heusen? — O tenente franziu o cenho ao ouvir uma exclamação abafada atrás dele. Ainda sem soltá-la, voltou a cabeça. — Alguém por acaso sabe?

Foi Pena Vermelha quem deu a resposta:

— Richard von Heusen. O que se diz fazendeiro. Nunca ouviu falar dele?

— Não.

— Acho que passou tempo demais lidando com índios, tenente. Não faz nem ideia do que está acontecendo por aqui.

Era verdade, Jamie pensou. Nem sequer quisera ouvir falar naqueles malditos rancheiros.

— Está querendo concordar que esse tal Von Heusen pode ser o responsável por *isso?*

Jon deu de ombros.

— Não posso afirmar nada.

— Só sei que ele é dono da metade do Texas — exagerou Monahan.

Jamie tornou a se concentrar na garota. Agora ela o fitava com interesse, que logo se transformou em hostilidade, quando os olhares se encontraram.

— Ele é um explorador ianque — ela falou com desprezo. — Quer me dizer que nunca ouviu falar deles? São verdadeiros abutres! Vieram voando se aproveitar do que restou do Sul e nos chutaram como a cachorros. Compraram as terras que os sulistas não conseguiram porque a União não queria dinheiro dos Confederados. Von Heusen comprou Wiltshire... *tenente*.

— Quer dizer então que esse tal iaque atacou sua caravana a flechadas assim, em plena luz do dia?

— Não foi bem assim — retorquiu ela, — Duvido que ele estivesse junto. Apenas mandou seus homens todos pintados e vestidos como comanches para não serem reconhecidos, caso alguém sobrevivesse.

— Então viu mesmo comanches atacando as carroças.

— Não! Não é isso que estou dizendo. Não sou nenhuma idiota, tenente. Nasci e cresci aqui e reconheço um comanche quando vejo um! E também sei quando estou diante de uma farsa!

— Está dizendo, então, que um grupo de homens brancos fez essa sujeira com gente de sua própria raça?

— Quanta perspicácia! Deve ter estudado em West Point. — Os lábios carnudos torceram-se com ironia. — Von Heusen tramou tudo isso, homem! Precisa prendê-lo por homicídio em massa.

— Você mesma disse: Von Heusen provavelmente nem esteve aqui.

Os olhos dela faiscaram, mas sua fúria veio contida na voz baixa e controlada:

— Não vai mandar prendê-lo?

— Para começar, não sou xerife, srta. Stuart. E, mesmo que fosse, necessitaria de algum tipo de prova.

— *Eu* sou sua prova!

— Seria sua palavra contra a dele!

— Ele queria nossas terras!

— Muita gente quer comprar terras e nem por isso se tornou uma assassina!

Ela fechou os olhos, esforçando-se para não gritar.

— É um imbecil, tenente!

— Obrigado pelo elogio, *madame*.

Ela cerrou os dentes, os olhos marejados.

— Saia de cima de mim! — sibilou.

Ele piscou, só então dando-se conta de que ainda a mantinha presa sob o corpo. Ela não tentaria mais agredi-lo. Pela expressão de repulsa, só queria escapar a seu toque, ou à simples visão dele.

— Não posso sair por aí prendendo as pessoas sem prova! — explodiu Jamie, irritado. — Ainda mais quando a testemunha é uma louca varrida!

— Ah! — Ela tentou arranhá-lo mais uma vez e Jamie a deteve, pondo-se de pé e erguendo-a aos trancos. Cerrou o maxilar diante do ódio que cintilava nos olhos azuis.

— Escute, moça...

— Tenente! — Charlie chamou, circundando os corpos. — Acho melhor providenciarmos os enterros.

Ao avistar o cadáver do velho com a flecha atravessada e o tiro no coração, a expressão de Tess se transformou.

— Oh, Deus! — As palavras falharam, enquanto ela caía de joelhos, tentando tocá-lo. A cor abandonou-lhe as faces. — Não, tio... Você não... — Chorou baixinho, estendendo a mão.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

